



Nhanduti paulista

Nhanduti paulista

Matsusaki, Bianca do Carmo; Mestra; Centro Universitário SENAC,
biamatsu@gmail.com¹

Resumo: O Nhanduti é uma renda de agulha de desenho radial, conhecida no Brasil também pelos nomes de renda Tenerife e renda Sol. Desde 2005, Elizabeth Correa, mestra rendeira, revive esta tradição, na cidade de Atibaia em São Paulo. O presente artigo relata aspectos históricos e modos de produção, contemplando suas diferenças e aplicação na atualidade.

Palavras chave: Nhanduti; renda Tenerife; renda Sol.

Abstract: Nhanduti is a style of radial needle lace design, also known in Brazil as Tenerife Lace and Sol Lace. Since 2005, master lace maker Elizabeth Correia, has been reviving this tradition, in the city of Atibaia, in Sao Paulo. This present article covers the historical aspects and methods of production and contemplates the differences and applications in the current environment.

Keywords: Nhanduti lace; Tenerife lace; Sol lace.

Introdução

O artesanato têxtil Nhanduti é uma renda de agulha de trama radial, que se desenvolveu no Paraguai ao final do século XVI, acreditando-se que seja uma derivação da renda Tenerife. Esta tipologia de renda, no Brasil, é também conhecida como renda Tenerife e renda Sol. A variedade de designações para identificar esta mesma tipologia demonstra que não há conhecimentos aprofundados sobre a técnica, já que há diferenças no processo construtivo entre a renda Tenerife e o Nhanduti. Com relação à produção da renda Sol a insuficiência de dados é mais intensa, o que inviabilizou, no estágio atual da pesquisa, a elaboração de relatos precisos.

¹ Mestre em Ciências, EACH – USP (2016), especialização em Produção de Moda e Styling, UVA (2011), graduação em Design de Moda – Modelagem, Centro Universitário SENAC (2004). Docente nos cursos de Design de Moda - Estilismo e Modelagem, Centro Universitário SENAC, pesquisadora de Moda e Sustentabilidade, com ênfase nos processos artesanais de têxteis brasileiros.



Devido a carência de estudos sobre o Nhanduti no Brasil, este artigo objetiva traçar um breve histórico sobre esta tipologia e sobre a renda Tenerife, relatando processos e materiais envolvidos no modo de construção das mesmas e apontando como está sendo realizada nos dias atuais na cidade de Atibaia no Estado de São Paulo, dando ênfase a possíveis aplicações e uso de novos materiais no desenvolvimento da mesma. Realizou-se pesquisa bibliográfica, sendo as principais autoras Annick Sanjurjo, para o Nhanduti, e Milagros Amador González, para a renda Tenerife, acrescida de entrevista com a mestra rendeira Elizabeth Correa Horta, que além de ensinar e produzir, busca levantar dados para remontar a história desta renda no Brasil, por meio de coleta de depoimentos orais.

Para melhor leitura e compreensão deste texto, ele será subdividido em 3 itens: no primeiro, será tratada a renda Tenerife; no segundo, o Nhanduti; no terceiro, serão abordadas diferenças e semelhanças entre as técnicas da renda Tenerife e do Nhanduti, como ocorreu a formação do Nhanduti de Atibaia e, em seguida, foram apontadas possíveis aplicações para as referidas técnicas e usos de diferentes materiais.

1. Renda Tenerife

A renda Tenerife recebeu este nome devido ao seu local de origem, a ilha Santa Cruz de Tenerife, a maior dentre o arquipélago das ilhas Canárias (Espanha). Não há como precisar quando iniciou sua produção, e nem afirmar com certeza de qual técnica a renda Tenerife derivou. Autores do tema divergem sobre sua origem, alguns acreditam ter advindo da influência árabe, outros dos pontos cortados venezianos do século XVI, e outros dos fios tirados vindos de Constantinopla, contudo há que se considerar a influência dos sóis de Astorga, Salamanca e Extremadura, e a roda ou ponto da Catalunha, todos eles radiais, e que utilizavam as técnicas de ponto cortado ou desfiado (século XVI até XVIII). É importante ressaltar que os pontos cortados e os fios tirados são ambas técnicas de bordado que precederam o surgimento das rendas, então é correto afirmar que a renda Tenerife iniciou-se, assim como a renda, após a subtração do tecido base em seu processo construtivo.



Apesar de não ser possível datar em que momento a renda Tenerife passou a existir, nem de qual técnica ela derivou, fica claro que houve profunda incorporação deste labor pelas residentes da ilha, que fizeram com que a renda Tenerife surgisse e seguisse seu próprio caminho, obtendo para si traços identitários e distintivos com tamanha força que se mantêm até os dias atuais, e no restante da Espanha os sóis e o ponto da Catalunha deixaram de existir, prevalecendo as outras tipologias de rendas e bordados advindos da França.

O “pique” foi uma invenção das artesãs tinerifensas, é uma base, normalmente arredondada, na qual pode ser acoplada uma almofada, onde alfinetes serão espetados para auxiliar na execução da renda, também é conhecido pelo nome de “cojin”, que é almofada em espanhol. Para seu feitio utiliza-se couro para fazer a base, e depois se faz a almofada com recheio de espuma, coberta por um tecido. A base fica perfurada com o desenho que a renda irá produzir, o que remete ao pique utilizado na renda de bilro.

Figura 1: Piques de formatos diferentes, “C” sem a renda e redondos com rendas sendo produzidas.



Fonte: <https://bienmesabe.org/noticia/2011/Septiembre/encajes-y-bordados>, 2019



Figura 2: Pique perfurado, com renda em processo de construção.



Fonte: <http://hechoconhilos.blogspot.com/2014/07/encaje-tenerife-dentelle-teneriffe.html?m=1>, 2019

O uso do pique conferiu maior liberdade para as rendeiras criarem seus motivos, há uma variedade enorme de desenhos, desde os geométricos até os florais, no entanto em Tenerife não há motivos figurativos, pode se dizer então que esta é outra característica da renda Tenerife tradicional.

Utilizando o pique se confecciona a roseta, que é o círculo rendado, e após a construção das rosetas, há o processo de junção das mesmas, utilizando diferentes pontos.

As cores tradicionais da renda Tenerife são os brancos e os beges, que podem ser mesclados afim de matizar o desenho criado, as outras cores são utilizadas em diferentes locais exteriores à ilha.

As ilhas Canárias foram anexadas à Espanha em 1496, após longos anos de guerra com seu povo nativo os guanches, que por sua vez são associados aos berberes provenientes do Norte da África. A cultura nativa foi suprimida, devido ao intenso processo de miscigenação, onde homens europeus tinham filhos com as mulheres nativas, e a rápida assimilação do cristianismo. Devido a sua localização estratégica, costa noroeste da África, foi um importante ponto da rota comercial marítima, o que beneficiou o comércio da renda Tenerife no início do século XX.

Como característico das técnicas têxteis artesanais, seu conhecimento era passado de forma oral, de mãe para filha (normalmente seguindo a linhagem materna da família), e por



utilizar poucos instrumentos de trabalho (agulha, linha, tesoura, pique, alfinete e dedal), foi fácil difundir a técnica dentre as habitantes da ilha. Contudo a compra da linha e a venda eram feitas por intermediários, e rendeiras mais especializadas cuidavam da união das rosetas para formar os produtos que iriam ser vendidos. A produção da renda passou a se tornar significativa na última década do século XIX, até então era uma atividade de produção familiar, comum entre mulheres de todas as idades das comunidades agrícolas. Logo comerciantes ingleses, franceses, e alemães se interessaram pela renda Tenerife e iniciaram sua exportação. O feitiço da renda se espalhou por toda a ilha e se tornou comum ver mulheres rendando. O local que teve a produção mais significativa foi o município de Vilaflor, o único que até hoje segue, embora de maneira estritamente reduzida, sua produção.

Os ingleses dominaram as exportações, tendo em Londres seu principal escoadouro. Foi também do Reino Unido que vinham as principais matérias-primas, o fio e o lenço, onde rosetas eram aplicadas, os ingleses também foram os pioneiros na invenção dos bastidores, facilitando a produção das rosetas, também influenciaram os desenhos, e os tipos de trabalhos realizados, sendo os responsáveis por precificar a produção. No entanto, logo a produção da renda entra em declínio, a partir de 1903, com a introdução dos tecidos orientais e o início da Primeira Guerra Mundial, cessam as exportações dos tecidos e importações dos materiais.

Após a Primeira Guerra Mundial (28 de julho de 1914 – 11 de novembro de 1918) e a Guerra Civil Espanhola (17 de julho de 1936 – 1 de abril de 1939), ocorreu a retomada dos trabalhos artesanais espanhóis com a implementação de obras do governo que ajudaram a reviver a tradição, fomentando a criação de oficinas para recriar pontos e motivos do passado, bem como medidas protetivas para as artesãs, regulando os preços e a qualidade dos produtos, retirando os intermediários da relação produtor-comprador.

Na atualidade, há grupos que fazem cursos e oficinas promovidos por prefeituras de diferentes municípios espanhóis, todavia há poucas pessoas que se interessam em produzir este artesanato têxtil de modo significativo, e as rendeiras que ainda possuem um grande domínio da técnica, já ultrapassam a casa dos setenta anos, como é o caso de Dona Clara Cano Quijada, que em 2009 recebeu o prêmio Tenerife Rural, por sua contribuição na conservação



do patrimônio agrário e das tradições rurais, ela é uma artesã da ilha de Tenerife, há um vídeo² relatando um pouco da sua história e produção.

2. Nhanduti

Nhanduti é uma palavra de origem guarani que pode significar aranha branca, *ñandu* – aranha e *ti* – branco, ou *ñanduti* – teia de aranha, e foi com este nome que no Paraguai foi batizado o artesanato têxtil que irá ser descrito adiante.

Não há dados suficientes para traçar com precisão quando e como a técnica passou a ser confeccionada no Paraguai. Josefina Plá (1903-1999), escritora e artista, nascida nas Ilhas Canárias, mudou-se ainda jovem para o Paraguai, dentre suas obras, há duas nas quais trata sobre o Nhanduti, para ela há fortes indícios que a técnica tenha sido derivada da renda Tenerife (PLÁ, 1983). No entanto, não há base documental que comprove esta sua afirmação, já que é pouco provável que algum padre jesuíta soubesse executar tal labor e que tenha aportado no Paraguai mais que três homens canários, bem como não há registro sobre a chegada de mulher canária no Paraguai durante seu período de colonização. Talvez essa certeza de Plá advinha da sua proximidade com as duas técnicas.

O Paraguai, assim como as Ilhas Canárias, foi colonizado pela Espanha, a colonização se iniciou em 1537, igualmente ocorreu a miscigenação de homens europeus com mulheres nativas, assim como o processo de catequização dos índios, ao final do século XVI começaram as missões jesuítas, que perdurou até 1767, quando os jesuítas foram expulsos por apoiarem os índios em sua revolta contra a Espanha. Conjuntamente com as missões jesuítas ocorriam missões franciscanas, porém com menos força que a primeira.

O primeiro relato sobre o feitiço de rendas no Paraguai deu-se a partir das cartas do padre jesuíta Antonio Sepp (1698), onde fala sobre as rendas feitas por índias, que seriam comparáveis com as rendas feitas em Flandres (local que ficou conhecido como o berço da renda de bilros), mas não especifica a tipologia da renda que era tecida pelas índias, diz apenas

² <https://www.youtube.com/watch?v=5q5mQOI3zeU>



que as meninas aprendiam a tecer, bordar e costurar, indicando que teriam conhecimento nos trabalhos com agulha. A semelhança do bordado com a renda contribuí para que a técnica dita nas cartas do Padre Sepp não seja conclusiva.

A ausência de textos que discorram sobre o papel e a presença das mulheres no período de colonização e catequização precarizou a historicidade dos saberes artesanais, dentre eles os têxteis. Contudo, ficou registrado na vida cotidiana das mulheres rurais, técnicas que se acredita ter vínculo estreito com saberes femininos europeus.

A difusão de famílias canárias pelo território das Américas ocorreu de maneira esparsa, há dados de 1724 que apontam canários na fundação de Montevideu, alguns deles vindos de Buenos Aires, onde já residiam. Também existem relatos de canários que viviam nos Estados Unidos, no México, na Venezuela, e no Brasil.

Na Argentina e no Uruguai, já no século XVIII foram encontradas rendas de Tenerife, que também eram conhecidas como Nhanduti, e eram feitas sobre almofadas, assim como as tradicionais rendas Tenerife.

Como consequência do processo de colonização muito específico do Paraguai, que deixou em 1580 de ser um local atrativo para a exploração espanhola, ficando praticamente isolado, e a miscigenação crescente, que fez com que as línguas se misturassem, criou um terreno fértil para o surgimento de um novo tipo de artesanato têxtil, o Nhanduti.

Sanjurjo (2015) diz que quando a renda espanhola se instala na terra paraguaia, a partir do momento em que a mesma perde suas características de artigo de luxo, passando pelas mãos do povo, apesar de ter empobrecido a técnica, os motivos ornamentais ganham força, e passam a ser mais importantes que a técnica, e adquirem um novo e especial sentido dentro da peça produzida. Foi então que a renda Tenerife, os sóis espanhóis e os pontos desfiados e cortados deixaram de existir e passou a se chamar Nhanduti.

A primeira vez que o termo apareceu foi nas cartas escritas e, posteriormente, publicadas (1838) dos irmãos Robertson, comerciantes britânicos que residiram no Paraguai, mas a passagem do texto apenas diz se tratar de exemplares seletos de nhanduti, sem especificar quais produtos, ou dar maiores detalhes.



Ao final do século XVIII inicia a distinção entre os trabalhos manuais confeccionados por mulheres dos povoados e os trabalhos realizados por comerciantes.

O Nhanduti ressurgiu após a Guerra do Paraguai (1864 a 1870) e sua produção alcança o apogeu na metade do século XX. A técnica sobreviveu a inúmeras adversidades que afetaram o Paraguai, desde a fome extrema no período da colonização, as guerras civis e internacionais, sendo que somente na Guerra do Paraguai calcula-se que morreram em torno de 300 mil paraguaios, até seu isolamento geográfico. Foram incontáveis as mudanças que a técnica sofreu, mas o acréscimo de diferentes pontos sobre o urdimento da rede que fica entre os círculos, conferiu uma originalidade à composição, ao separar os círculos foi possível destacar as áreas preenchidas das abertas, criando um jogo de luz e sombra.

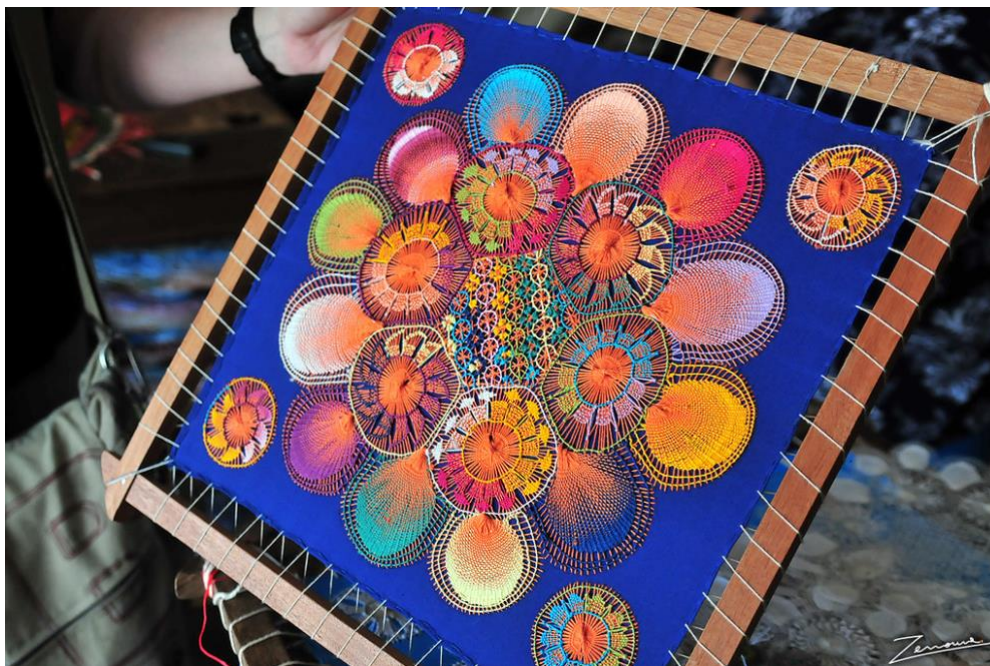
A técnica utilizada para confeccionar o Nhanduti é a seguinte: tomar um tecido base (lenço) bem esticado, preso em bastidor quadrangular por um fio atado em cada um dos ângulos; no tecido são desenhados, com lápiz, os contornos de maneira esquemática, normalmente são círculos, mas dependendo da peça a ser feita, podem ser incluídos quadrados ou retângulos; com a agulha se inicia a armação do disco, que irá de pontos equidistantes no círculo formando uma estrutura radial, formando um miolo central no meio do círculo, no qual se passará a linha sucessivas vezes, afim de formar o “*apyte*” (palavra guarani que significa centro, miolo, ou medula); a partir desse miolo o desenho escolhido pela rendeira se inicia, passando por outras etapas e ao finalizar o motivo se tem o “*dechado*”, que é o desenho feito dentro do círculo. Os demais círculos serão feitos da mesma forma, sendo que nos pontos onde dois círculos se tocam, não se fura o tecido novamente, apenas se passa a agulha com a linha, na linha vizinha e faz um ponto, para que ao retirar o tecido, os círculos fiquem unidos. Os espaços vazios que ficam entre os círculos são preenchidos por trama reticulada, formando a malha que unirá estes círculos, sobre esta malha podem ser tecidos “*dechados*” próprios para estes espaços. Para finalizar o Nhanduti é comum fazer “*medio-dechado*”, que seriam semi círculos preenchidos por algum desenho. Finalizada esta etapa, vira-se o bastidor e inicia o processo da tesoura,



recortando os espaços entre os pontos feitos no tecido, retira-se tudo, deixando apenas a borda do tecido que prende o nhanduti ao bastidor, por vezes será necessário desfiar pedaços do tecido para que este se solte por completo, sem cortar a linha. Depois de retirar todo o tecido da parte interna, lava-se e engoma-se o trabalho, para então retirá-lo do bastidor. As rendeiras dividem e nomeiam o processo produtivo em três partes: lápis, agulha e tesoura.

Neste vídeo pode se ver como retira a renda do bastidor:
<https://www.youtube.com/watch?v=oLkPOQC2jhs&t=27s>.

Figura 3: Nhanduti pronto na tela.



Fonte: <https://www.cazadordeinstantes.com/2011/01/historias-de-vidas-dona-graciela.html?m=1>

Devido ao uso da tela base, pode-se considerar que a esta técnica seja um bordado e não renda, contudo como se retira todo o tecido do Nhanduti, o que resulta é uma renda.



As diferenças que existem entre os Nhandutis produzidos nas cidades de Itaguá, Pirayú e Guarambaré estão na concepção geral da peça a ser realizada, nos detalhes das linhas e nos desenhos que serão feitos.

O Nhanduti, originalmente, foi confeccionado com fios feitos de fibra de caraguatá, uma espécie de bromélia e com a fibra do coqueiro *mbokajá*, o que conferia a renda a coloração branca ou ocre, e por isso diz-se que o verdadeiro Nhanduti deve ter essas cores. Na atualidade, é utilizado fio de algodão número 200 em cores diversas.

3. Renda Tenerife e Nhanduti: diferenças e semelhanças entre as técnicas, a formação do Nhanduti de Atibaia, possíveis aplicações e usos de diferentes materiais

A renda Tenerife e o Nhanduti resultam em uma renda muito similar, ocasionando confusão na hora de determinar qual a técnica utilizada na confecção da peça. Este fato foi percebido pelos autores pesquisados, que relataram que em museus há renda Tenerife identificada como Nhanduti e vice-versa. Somente especialistas nestas tipologias conseguem identificar e nomear corretamente a peça confeccionada.

Além disso, é ambígua a verdadeira origem da técnica. Brievres (s/d) menciona a renda Tenerife como uma tipologia de renda originada na América do Sul, que migrou para as Ilhas Canárias. Sanjurjo (2015) relata que já se supôs que o Nhanduti teria iniciado no Brasil e depois foi deslocado para o Paraguai. No Brasil, foi localizado em Florianópolis pontos de venda de Nhanduti produzidos localmente.

A principal diferença entre as técnicas é o modo de construção da renda, a renda Tenerife utiliza o pique, que pode ter ou não uma almofada e se produz rosetas individuais que depois serão unidas, formando assim uma peça; já o Nhanduti usa um tecido base preso em um bastidor e a união dos círculos é construída simultaneamente. Há distinção entre os motivos escolhidos pelas rendeiras, contudo, com as mudanças em ambas as técnicas, podem ser feitos desenhos de todos os tipos nas duas técnicas.

No Brasil e em outras localidades do mundo, onde há a produção de rendas radiais, apenas no Paraguai se produz o Nhanduti, pois somente nesse país a técnica utiliza



o tecido-base e desenvolve a composição completa de uma única vez, nos demais locais se confecciona rosetas, com o auxílio de bastidores, que serão unidas formando um tecido.

Havia no Museu Nacional do Rio de Janeiro uma pequena coleção de exemplares de renda Nhanduti coletada no início do século XX no Paraguai por Roquette-Pinto, durante incursão pelo interior latino-americano, acervo este, que, infelizmente, foi perdido no incêndio que ocorreu em 2018 no referido Museu. E foi autor do texto "Notas sobre o Nhanduti do Paraguai" publicado, em 1927, pelo Boletim do Museu Nacional.

Nhanduti de Atibaia foi o nome escolhido por Elizabeth Horta Correa para designar, em 2005, um grupo voltado à geração de renda com a produção de peças artesanais. Neste processo, quando a Rede ARTESOL (Artesanato Solidário) promoveu um curso em Atibaia ocorreu o primeiro contato com uma peça "Nhanduti". O nome indígena da renda atraiu a atenção de Elizabeth, o que a estimulou a iniciar o levantamento de dados, e a aprender a referida técnica.

A aprendizagem prática da confecção do Nhanduti por Elizabeth foi resultante de esforço individual a partir de testes e utilização de manuais antigos, bastidores e peças encontradas, aleatoriamente. Até 2010, foram utilizadas linhas grossas. Após dominar a técnica, passou a usar a linha fina, tornando o resultado do seu trabalho mais delicado. Cícera Mendes, ex-aluna de Elizabeth, auxilia na produção em pequena escala e na realização de levantamentos de novos dados e informações sobre a referida técnica.

Ao longo dos últimos anos foram ministradas aulas para diversos públicos, contudo, Elizabeth não sabe precisar quantos/as egressos/as deram continuidade aos seus ensinamentos, acreditando, no entanto, ter sido reduzido este número. Dos ex-alunos com quem manteve contato, Elizabeth recebeu a informação de que alguns deles tornaram-se professores (disseminadores) da técnica, porém sem atuarem na comercialização dos produtos gerados. No início, o Grupo formado objetivava a geração de renda, mas ao longo do processo de constituição do grupo foi constatado que havia muito mais a pesquisar, do que a produzir, dada a carência de dados históricos e técnicos. O interesse em pesquisar estava diretamente relacionado ao interesse pela qualificação do produto



gerado. Ao mesmo tempo, foi percebido que o longo tempo de confecção que a renda demanda, torna o produto caro, diminuindo assim seu potencial de venda.

Para dar vazão às suas pesquisas e encontrar parceiros institucionais, bem como divulgar peças produzidas e aumentar seu acervo, criou diversos blogs, que são alimentados de acordo com a especificidade de cada um. No site mencionado a seguir, são encontrados diferentes blogs criados pelo referido Grupo: <http://nhanduti.org.br/>.

No blog intitulado “Museu Virtual da Renda” há um chamado para aqueles que possam ter interesse em compartilhar referências de rendas antigas, onde pessoas podem abrir seus “baús” e contar suas histórias. A maioria dessas peças são provenientes do estado de São Paulo, mas também há peças advindas de outras localidades. Elizabeth teve contato com rendeiras e familiares de antigas rendeiras, que produziam renda nos anos 1960 e 1970 e contaram que vendiam peças para enxovais por meio de encomendas e a divulgação do trabalho ocorria de modo informal, em geral, por indicação.

Para Elizabeth a proximidade de São Paulo com o sertão paraguaio fez com que o Nhanduti migrasse entre esses locais, ela acredita que desde as barrancas do rio Tietê até as margens do rio Paraguai há uma grande “tribo” contígua.

Ao longo dos últimos anos, foram realizados testes com diferentes fibras, seda, algodão fiado manualmente, dentre outras, constatando-se a boa adaptação da técnica ao uso de fibras naturais, bastando apenas se adaptar ao tipo de bastidor que será utilizado e os desenhos que se pretende confeccionar. A principal restrição é para o uso de fios de metal, que não são apropriados para esta tipologia de renda.

A escolha do nome Nhanduti de Atibaia se deu pelo desejo de unir duas palavras de origem indígena, Nhanduti do guarani e Atibaia do tupi, assim como a sonoridade do nome foi forte atrativo. Apesar da renda produzida por ela ser feita através da técnica da renda Tenerife, escolheu o termo Nhanduti e não renda Tenerife, por ser este o nome pelo qual a renda é mais conhecida atualmente no Brasil.



Então pode-se dizer que o grupo Nhanduti de Atibaia, composto por Elizabeth e Cícera, ministra aulas de Nhanduti, alimenta diversas páginas da web com assuntos relacionados ao tema e também investe na pesquisa e no aprimoramento da técnica.

Figura 4: Elizabeth produzindo rosetas em diferentes etapas.



Fonte:

<https://www.facebook.com/NhandutiDeAtibaia/photos/a.158161534329185/1583347661810558/?type=3&theater>



As rendas Tenerife e Nhanduti são normalmente usadas para construir produtos de enxoval, mas sua aplicação é diversa, há um grupo artesanal em Quixeramobim (Frivolitas³), no estado do Ceará, que produz calçados utilizando as rosetas. Em 2013, a designer Carla Tennenbaum utilizou a técnica da renda Tenerife para criar mandalas interativas que compuseram a exposição “Out of closet – Nhanduti⁴” em Quebec, no Canadá. Há a possibilidade de aplicações em mobiliários, em peças do vestuário, calçados, acessórios, produtos de enxoval, enfim, em diversificada gama de produtos, assim como é diversificado o uso de fibras para confecção, principalmente, as fibras naturais.

Em Hvar, uma ilha da Croácia é produzida a renda derivada da renda Tenerife com a fibra do agave, resultando em fina e delicada peça. Neste local, fabrica-se a esta renda usando-se como suporte o papel cartão. A produção é tão especial que foi considerada em 2009 pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade⁵.

Considerações Finais

O artesanato têxtil encontra nas rendas sua mais delicada e frágil forma de expressão, sendo esta fragilidade responsável pelo maior ou menor risco de deterioração, o que pode dificultar sua identificação e origem.

A renda Tenerife e o Nhanduti estão entrelaçados ao longo de suas histórias específicas, ambos foram influenciados pelas rendas espanholas e produzidos em diferentes colônias da Espanha, sendo suas rendeiras frutos de miscigenação - mulheres nativas “capturadas” por conquistadores -, mulheres que misturaram suas raízes e sua cultura com os novos conhecimentos adquiridos. Talvez seja este o motivo pelo qual cada local desenvolveu seu próprio modo de fazer, imprimindo em seus produtos suas histórias e a própria natureza que as cercava.

3 <https://www.facebook.com/Frivolitas/>

4 <https://www.caobaum.com/nhanduti>

5 <https://www.stari-grad.eu/en/hvar-otok-unesco/agava-lace>



No Brasil, há poucos estudos sobre as rendas e com isso ficam esquecidas suas tradições e suas identidades. Além de ser escasso o registro da produção de rendas, ocorreram e ocorrem perdas frequentes de dados e informações. A renda radial aqui é mais conhecida como Nhanduti, mas sua forma de produção é o da renda Tenerife, e também já foi chamada renda Sol.

Com base na bibliografia internacional consultada para elaboração do presente artigo, constata-se que a renda Sol é descrita como uma tipologia derivada da renda Tenerife fabricada no Brasil. Entretanto, até o presente estágio da pesquisa, nos textos que foram objeto de consulta para elaboração do presente artigo, não foram encontradas referências sobre o desenvolvimento desta técnica em território brasileiro com a designação de renda Sol. Mais recentemente, recebeu-se a indicação da referência de publicação em revista especializada em trabalhos manuais intitulada “Mãos de Ouro”, da Editora Abril, que não foi objeto de análise pela autora do artigo.

No entanto, por não haver dados suficiente sobre a renda Sol, o presente artigo está concentrado nas duas técnicas de trama radial reconhecidas atualmente em território nacional, a renda Tenerife e o Nhanduti, o que sugere-se como objeto de investigações futuras.

Em território brasileiro, chamamos de Nhanduti nossa renda Tenerife que ainda é muito pouco produzida e comercializada, contudo, independente de sua identificação, esta é uma técnica de infinitas possibilidades e que pode ser útil para a construção de produtos sustentáveis de moda. Aqui está registrado o primeiro passo para que esta técnica volte a ser (re)conhecida no Brasil e que a sociedade brasileira, em sua totalidade, (re)conheça suas tradições artesanais.

Referências

BRIEUVRES M. **A renda: história da renda em diversas épocas e diferentes países**. Rio de Janeiro: H. Garnier, [s.d.].



GONZÁLEZ, M. A. **La roseta de Tenerife, origen y expansión**. Revista de história Canaria, n. 198 Pp 160-171, 2016. Disponível em: <<https://mdc.ulpgc.es/cdm/ref/collection/revhiscan/id/647>>. Acesso em: 07 julho 2019.

PLÁ, J. **Paraguay: El ñanduti**. 1983. Disponível em: <https://www.portalguarani.com/519_josefina_pla/14654_paraguay_el_nanduti_1983_textos_josefina_pla_y_gustavo_gonzalez.html>. Acesso em: 10 julho 2019.

SANJURJO, A.; CASCIERO, A. J. **Ñanduti, Encaje del Paraguay**. [s.l.] Southern Cross Press, 2015.

